

HISTÓRIA EM QUADRINHOS E PRODUÇÃO DOS SENTIDOS

Marlon Leal Rodrigues (UEMS)

malon@uems.br

Nataniel Gomes dos Santos (UEMS)

nataniel@uems.br

Problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem na diferentes manifestações de linguagem (...) Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signo (...) Não temos como não interpretar. Isso, que é contribuição da análise do discurso, nos colocar em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem. (ORLANDI, 1999)

1. Introdução

O interesse pelas histórias em quadrinhos, doravante histórias em quadrinhos, enquanto objeto de reflexão em seus aspecto discursivo e não apenas semiótico tem aumentado nos últimos anos com edições de revistas específicas (*Journal of Graphic Novels and Comics*, da editora inglesa Routledge, conhecida por seus livros didáticos e acadêmicos; 9ª *Arte: Revista Brasileira de Pesquisas em Histórias em Quadrinhos*, da USP) e também com publicações de diversos livros (GOMES, N. S. & RODRIGUES, M. L. (Orgs.) *Para o Alto e Avante. Textos sobre histórias em quadrinhos para usar em sala de aula*. Curitiba-PR: Appris, 2012; GOMES, N. S. *Quadrinhos e Transdisciplinaridade*. Curitiba-PR: Appris, 2012; RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2010; RAMOS, P. & VERGUEIRO, Waldomiro. *Muito além dos quadrinhos – Análise e reflexões sobre a 9ª arte*. São Paulo: Devir, 2013, VERGUEIRO, W, RAMA, A. & BARBOSA, Alexandre. *Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2009 e outros). Neste sentido, as histórias em quadrinhos representam um espaço em que o ficcional do possível e o “real” (ORLANDI, 1990) se tocam, se cruzam, se confundem, reivindicam uma existência material e por fim se constituem realidade que já é um lugar da simbolização, da significação, um espaço dos “sentidos” (PÊCHEUX, 1997) estabilizados ou em

busca de estabilidade que lhe garanta a existência ou direito a circular. Pode-se considerar enquanto objeto de reflexão de aspecto discursivo e semiótico, as histórias em quadrinhos vem conseguindo circunscrever uma “formação discursiva” (ORLANDI, 1999, p. 43):

A noção de formação discursiva, ainda que polêmica, é básica na análise do discurso, pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. (...)

As formações discursivas podem ser vistas como regionalização do interdiscurso, conformações específicas dos discursos em suas relações

E nesse sentido que constituímos nossa reflexão sobre histórias em quadrinhos cujo recorte é a personagem *Superman*, em sua “posição sujeito” (ORLANDI, 2001) que é aquele que foi enviado, o salvador, o messias, pronto para ajudar as pessoas (GOMES, 2012), mas que no decorrer de sua história virou mais que isso, se constituiu em defensor do país e posteriormente do mundo, tendo como referência os estadunidenses. Essa posição de sujeito é atravessada pelas condições políticas históricas de dois discursos de uma certa envergadura de “formações ideológicas” (PÊCHEUX, 1997) distintas que desde o advento de “outubro vermelho”, referência a revolução russa de 1917.

2. A questão ideológica e a construção de sentido

Essas formações ideológicas são, respectivamente, o sistema capitalista de um lado e a proposta comunista de outro em que se defrontam o Estados Unidos da América e a ex-União das Repúblicas Socialista Soviéticas (até a queda do muro de Berlim, 1989). Dessas formações ideológicas decorrem inúmeras formações discursivas em que muitas possuem em certo alinhamento de sentidos e outras se distanciam, de um lado os partidos políticos de esquerda e de outros os partidos de direita.

É significativo compreender porque o *Superman* vem ajudar as pessoas desde “problemas” do cotidiano, evitar acidentes rotineiros até catástrofes, dedica-se também a fazer justiça, defender as pessoas, a cidade, o estado, o país, o continente e o mundo como missão destinada a qualquer “messias” (GOMES, 2012) de “mal-feitores”. Essa posição sujeito não o comporta, motivo pelo qual também vai defender o planeta de seres alienígenas (RODRIGUES, PINTO & LACERDA, 2012) em que contracenam com personagem do mundo real (Muhammad Ali, MH), em oposição ao mundo ficcional.

A dimensão da posição ideológica local para a posição universal do *Superman* não se trata apenas de uma ficção, vem atravessada e se constitui na defesa de um discurso cujo modelo de sociedade é capitalismo – em que o sentido de “democracia” se constitui e se confunde com o de liberdade. Essa posição do *Superman* vem contrapor o modelo do discurso comunista – em que o sentido de “igualdade e distribuição da produção de bens” é um princípio elementar. Não é uma posição do discurso do “bem” contra o “mal” ou em defesa de um sentido de “justiça”, mas um discurso que apresenta um modelo de sociedade em forma de propaganda política para o mundo. O sentido de democracia, liberdade e direito são reverberados produzindo efeitos de sentidos alhures, como se houvesse uma universalidade.

Não é sem propósito que o *Superman* de uma posição local em que seus enunciatórias são uma repórter e um chefe de jornal, ele gradativamente se desloca para a posição universal, para outros espaços de discursivização como o político, chefe de Estado, forças armadas etc. Esse deslocamento, considerando o gênero histórias em quadrinhos, destinados a princípio para o enunciatário infanto-juvenil, é significativo uma vez que o *Superman* passa de messias local e cotidiano para a formação discursiva dos grandes discursos. Esse deslocamento marca a inscrição na ordem do político marcando também a entrada de seu enunciatário infanto-juvenil na ordem do político. Se considerarmos a posição do sujeito enquanto propagandista de um modelo específico de sociedade, é com certa evidência que é necessário uma manutenção dos sentidos propagandeados para além da posição infanto-juvenil.

A popularização do SM, no primeiro momento como uma HQ como tantas outras, por sua reverberação de efeitos de sentidos acaba por extrapolar seu espaço de existência material do gibi para outros espaços semióticos como desenho e cinema. Esse “deslizamento” (ORLANDI, 2001) de espaço de “condições de produção de discurso” (Idem) não acontece sem uma mudança de posições sujeito de messias de um povo para defensor do mundo em que a suposta sede ou capital de referência são os Estados Unidos da América, terra do super-herói que se constitui no super-herói do planeta.

Isso pode ser constatado nos desenhos animados, nas séries feitas para televisão e nos sucessivos filmes, sem esquecer das edições históricas, reedições históricas e edições de luxo lançadas ano após ano. Não se trata apenas de um discurso de entretenimento, muito embora um dos seus efeitos de sentidos se representa como tal. O sentido de toda discursivi-

dade do *Superman* significa o modelo de vida, conceitos, representações e modos operantes dos americanos do norte. O *Superman* passa de entretenimento para o propagandeador na ordem do político em que as posições ideológicas são definidas tanto no espaço de produção material ficcional como no espaço de produção real.

Para compreender ainda o “acontecimento” do *Superman* talvez seja necessário revisitar de forma precária a constituição do povo do Norte da América que se deu por dissidência com a coroa inglesa, ou seja, aqueles que conhecemos como americanos do norte são herdeiros de um modelo de civilização europeia (invasão, dominação, subjugação de outros povos, valores e costumes aos seus). A “ruptura” (POSSENTI, 2005) que a princípio se apresentava como política e econômica da independência de uma coroa exploradora, os sentidos foram significados também com um modo de vida que representou em última instância no limiar das rupturas, um abandono com o passado com a tradição inglesa. Isso enquanto posição sujeito representa a negação de um modelo e ao mesmo tempo a proposta de um novo modelo.

Vamos nos reportar aqui de forma superficial e histórica alguns pontos que podem contribuir para compreender não apenas o SM, mas também a criação constante de heróis. Ao negar a posição sujeito inglesa, nega-se os mitos, os heróis, títulos de nobreza, batalhas, as histórias de si e o próprio passado, isso de alguma forma remete ao “vazio” de representação histórica já que nega-se/perde-se a referência “identitárias” (RODRIGUES, 2007 e 2010) e nisso há uma necessidade de “preenchimento” de sentidos de si na medida em que não se considera o outro com referência, pois para Rodrigues (2007, p. 104):

a identidade (com maior ou menos estabilidade) se constitui (surge em forma de negação, de afirmação, de oposição, de negociação, de resignificação, de divisão de espaço, de reivindicação) a partir de práticas de produção dos discursos, o que implica necessariamente sua filiação a espaços de discursividade.

Se distanciar da própria historicidade que constitui os sujeitos e a formação discursiva de inscrição e existência material, implica em um projeto gradativo de uma “nova” identidade ou no limiar uma resignificação, constituir com outros sentidos no processo de negação. Esse é um dos pontos de ruptura, no entanto, ao se pretender ser outro, há se construir novos heróis, mitos, histórias, personagens, lutas, lendas para que se preencha o que se quer negar para ser outro: não mais ingleses com tudo que isso possa significar e sim um “novo” inglês/americano com toda a possibilidade de existência a construir. Nega-se os sentidos de ser inglês

que é de alguma forma um distanciamento que, no entanto, da mesma forma que “não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” (PÊCHEUX, 2002, p. 56), também não há distanciamento ou ressignificação sem deixar “traços ou vestígios” de sentidos do que se foi.

É nesse sentido que a geração de heróis sucessivos vindo da ficção (história em quadrinhos, filmes, desenhos, série feitos para televisão, literatura etc.) tem sido uma constante chegando ao ponto de reunirem todos os heróis nas chamadas “Liga da Justiça” ou título similar. Cada um dos heróis representando um aspecto da negação daquilo que ser negar ou que se nega. Tem-se então “Capitão América”, o soldado que substituiu o cavaleiro e título de nobreza; “Batman e Robin”, defensores da justiça e está acima das instâncias legais, talvez possa fazer um paralelo com os nobres a quem se recorria para demandas ou até mesmo proteção, pois de acordo com o nobre a relação com a coroa possui maior ou menor influência.

O “Homem de Ferro” também é um protótipo de homem (outrora era cavaleiro) poderoso que quase que se basta por si só, também está acima ou no mesmo nível do poder do Estado. Um outro paralelo, o intermediário entre o povo e a coroa era o nobre que foi sendo substituído gradativamente pela lei em alguma medida, mas não em toda ela. Os nobres originários ou os primeiros, foram cavaleiros que devido sua dedicação, bravura e prestação de serviços ou missões a coroa, acabavam por ganhar ou conquista título de nobreza, prestígio, terra etc. Poderíamos ainda citar tantos outros heróis e procurar colocar em questão um paralelo entre os sentidos do que ser negar ou mesmo silenciar. Podemos citar o Besouro Verde, o Incrível Hulk, Fantasma, Mandraque, X-Men, Mulher Maravilha, Quarteto Fantástico, Homem Aranha, O Demolidor, Zorro, Rambo etc. De alguma forma todos eles convergem em seus sentido para o mesmo ponto: negar o passado e deixar para as futuras gerações esses heróis e não os de sua origem inglesa/europeia.

Pode-se considerar ainda em alguma medida que há uma certa relação entre a demanda de heróis dos americanos do norte com o cavaleiro e nobre inglês de tradição europeia. Um dos sentidos que talvez esteja em suspenso e merece uma pesquisa específica é que há uma busca incessante para preencher algo de si (americanos do norte), algo que parecer que falta ainda e nisso há uma cobrança de certos sentidos, talvez um vazio identitário já que não é mais inglês ou europeu. É nesse sentido que o

Superman e tantos outros heróis que deixam ser locais para se transformarem em universais inscrevendo-se em uma dimensão política ideológica como “salvadores” do mundo: o cavaleiro, o nobre que precisa preservar valores como liberdade, democracia e justiça com se fosse universais e naturalizados.

Há duas questões: a geração de heróis é algo peculiar dos americanos do norte; essa geração que é uma necessidade que marca questões identitárias que no entanto se projeta para fora de si mesmo.

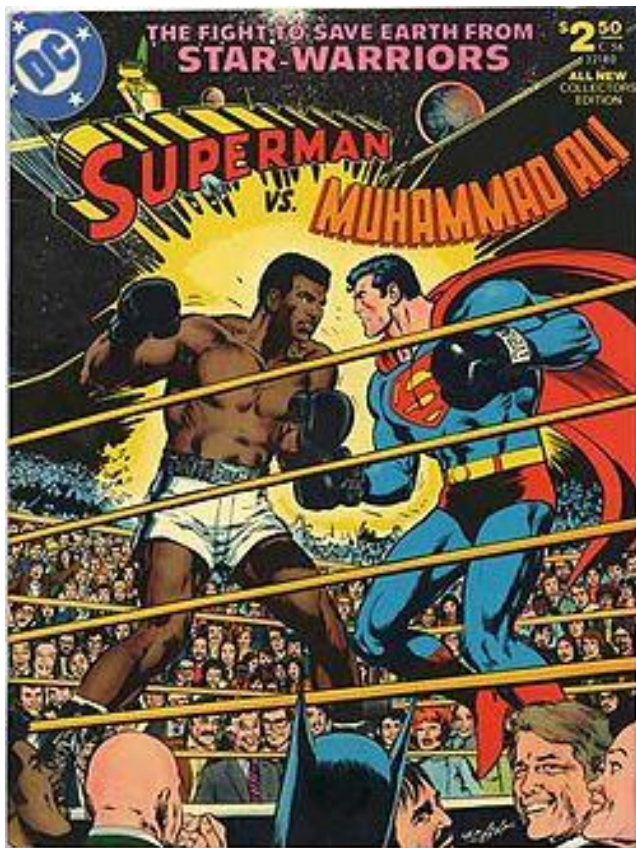
A ideologia nos quadrinhos pode ser vista claramente a partir da vocação das duas maiores editoras norte-americanas da área: a DC e a Marvel.

A DC tem uma visão mais ligada aos democratas, neste sentido, mais preocupadas com as necessidades das camadas menos favorecidas. Suas histórias são ambientadas em cidades fictícias, tais como Metrópolis, Gotham e outras, dando mais liberdade para criação e questionamento. Tal ligação pode ser percebida quando o ex-presidente George W. Bush (2001-2009) assumiu a presidência dos Estados Unidos coincidiu com a posse do arqui-inimigo do *Superman* no cargo nos quadrinhos. Quando Bush deixa a presidência, Luthor é deposto na ficção. Entre seus principais personagens, podemos destacar: Superman, Batman, Mulher-Maravilha e outros, que representam arquétipos dos deuses mitológicos.

Por outro lado, a Marvel tem uma visão de mundo mais voltada os republicanos, suas histórias se passam em um mundo com ligações com o real, seu personagem carro-chefe é um militar, o Capitão América, e a maioria das histórias é ambientada em Nova Iorque.

De qualquer forma, quando o leitor se identifica com o personagem dos quadrinhos, a construção de sentido e a naturalização do mesmo se torna mais fácil. Inevitavelmente toda a gama ideológica é levada no mesmo “pacote”.

A HQ *Superman VS Muhammad Ali* narra uma reportagem sobre o campeão do boxe Muhammad Ali, feita Clark Kent (alter ego do Super-Homem), Lois Lane e Jimmy Olsen quando os mesmos são interceptados por um alienígena que deseja destruir a Terra. Para evitar a destruição do nosso planeta, um campeão do mundo precisa enfrentar um guerreiro espacial. Logo surge a premissa de que *Superman* e Muhammad Ali devem lutar um contra o outro para determinar quem representará a Terra no combate.



Para dar vida a proposta tão inusitada do encontro de dois mitos norte-americanos foram escalados o roteirista Denny O'Neil e o ilustrador Neal Adams. O especial *Superman vs. Muhammad Ali*, lançado em 1978, em formato tabloide, trata o super-herói e o atleta com toda a grandeza que representam.

Na história, quando surge a necessidade de um campeão para representar o planeta contra um guerreiro alienígena, *Superman* e Muhammad Ali, doravante, MA, logo se apresentam para o confronto. Para resolver o impasse é necessária uma luta entre os dois. Para não ter vantagens, *Superman* atua debaixo dos raios de um sol vermelho, que o priva de seus poderes.

Essa não é a primeira vez que *Superman* encontrou personalidades de nosso mundo nos histórias em quadrinhos. Ele já havia enfrentado Hitler e Stalin para encerrar a Segunda Guerra Mundial, realizou uma missão para o presidente Kennedy.

Um dos grandes méritos da HQ é mostrar como um negro, fato inédito, consegue vencer o *Superman* e salvar a terra, o que só seria possível com uma editora como a DC, e mostrar que as diferenças da cor de pele são vistas por nós, mas não pelo alienígenas, fato mostrado quando eles pedem que os protagonista lutem uniformizados “já que são todos iguais”.

3. *Conclusão*

A ideologia faz parte das relações humanas, e se manifesta, inclusive, na linguagem. Além disso, ela pode ser encontrada até mesmo nos suportes mais populares do lazer e da diversão dos jovens, como nas histórias em quadrinhos.

No caso da história em quadrinhos destacada, ela trata do *Superman* como o arquétipo do herói do modelo a ser seguido, mas consegue subverter essa tendência quando um atleta do mundo “real” o enfrenta e ganha a luta, de quebra salva o planeta. Sendo mulçumano, negro e com um temperamento “forte”.

Neste sentido, a HQ *Superman vs. Muhammad Ali* contribui para o papel do negro na sociedade norte-americana seja solidificado e tenha o seu papel de “herói” reconhecido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RODRIGUES, M. L.; PINTO, M. L.; LACERDA, L. T. Condições de Produção de um acontecimento discursivo: Muhammad Ali Derrota Superman. In: GOMES, N. dos S.; RODRIGUES, M. L. (Orgs.). *Para o alto e avante*. Textos sobre histórias em quadrinhos para usar em sala de aula. Curitiba: Appris, 2013, p. 27-46.

_____. *MST: Discurso de reforma agrária pela ocupação. Acontecimento discursivo*. 2007. Tese (de Doutorado em Linguística), Unicamp, Campinas.

_____; SOUZA, A. C. S. de (Orgs.). *Linguagem e questões afrodescen-*

dentés. Dourados-MS: Life/UEMS, 2011.

GOMES, N. dos S. *Quadrinhos e transdisciplinaridade*. Curitiba: Appris, 2012.

PÊCHEUX, M. *O discurso*. Estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI, E. P. *Discurso e texto*. Formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

_____. *Análise do discurso*. Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

POSSENTI, S. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. *Introdução à linguística*: fundamentos epistemológicos. Vol. 3. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 353-392.